

# A VISÃO DO GRAU AUMENTATIVO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E NA LITERATURA RECENTE

Regina Simões ALVES<sup>1</sup>  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Resumo:** *Este artigo descreve a interpretação dada à gradação morfológica tanto nas gramáticas tradicionais quanto nos principais manuais de morfologia. O foco de investigação é o estatuto das partículas aumentativas, especialmente -ão.*

**Palavras-chave:** *Morfologia; Aumentativos; Grau; Formação de palavras.*

## INTRODUÇÃO

A motivação para o estudo do sufixo aumentativo no português do Brasil, de forma especial o -ão, surgiu pela constatação de que o que há sobre ele se mostra insuficiente tanto nas gramáticas tradicionais quanto em outros trabalhos que refletem investigação lingüística sobre o assunto. Após mostrar o tratamento dado a esse afixo, proporemos uma análise dos dados que serão classificados, de acordo com seguintes critérios, que consideram a relação base / produto como ponto de partida: classes diferentes; classes iguais. Além do mais, será verificado que processos estão envolvidos na formação: metáfora ou metonímia.

Depois da coleta e classificação dos dados, analisamos as formações aumentativas segundo os critérios descritos em Gonçalves (2005, 2007, 2011) e, com isso, verificamos se houve uma diferença regular de ponto no *continuum* flexão–derivação. Ressaltamos o fato de que, provavelmente haverá diferença de ponto na escala feita em Piza (2001), uma vez que Piza (*op. cit*) analisou o grau englobando aumentativo e diminutivo e eles, segundo mostraremos, não têm a mesma especificidade. Observaremos, ainda, de acordo com a análise, a gradiência proposta por Bybee (1985).

Analisar o afixo nas formações agentivas trará uma importante contribuição para a pesquisa, uma vez que esse processo foi colocado à margem nos estudos atuais que pouco informam sobre o mesmo, embora seja produtivo. Devido a sua especificidade, faz-se importante investigar, nesses estudos, informações que contribuam com o avanço desta análise; se possível, elucidar pontos conflitantes.

## 1. AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS (GTS)

Nas GTs, o tratamento se resume em afirmações esparsas que não levam em consideração sua especificidade e produtividade. Nelas o sufixo aumentativo está relacionado prototipicamente à significação de tamanho aumentado e os autores limitam-se a mencionar que

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras Vernáculas. Professora da SME e da SEC. E-mail: [salvesregina@hotmail.com](mailto:salvesregina@hotmail.com)

## A visão do grau aumentativo nas gramáticas tradicionais e na literatura recente

o mesmo tem uso pejorativo. Não o relacionam a uma escala de intensidade ou outra acepção. Limitam-se a dar uma listagem dos sufixos mais comuns com exemplos e só.

Bechara (2002: 140-141) faz referência ao grau afirmando que “os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliada por sufixos derivacionais: homem - homenzarrão - homenzinho”. O autor afirma que pelo fato de a derivação gradativa se realizar por meio de dois processos: a) sintético, b) analítico; evidencia que estamos diante de um processo de derivação e não de flexão. Segundo ele, “a flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação...”. É importante ressaltar que nesse capítulo o autor apenas se refere à gradação do substantivo, não faz nenhuma referência a qualquer outra categoria. Com respeito à outra acepção dos sufixos gradativos, Bechara afirma que fora da idéia de tamanho, “as formas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso por certos objetos ou pessoas”, etc. Ou seja, não faz referência a nenhuma outra acepção e nem releva sua produtividade. No capítulo que trata do processo de formação de palavras, indica dois processos mais importantes para essas formações: a) composição, b) derivação, esta última segundo ele “consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos”. Interessa-nos observar o que diz sobre o sufixo aumentativo: “A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: poetastro, mulheraça”. Sendo assim, podemos afirmar que o estudo não está atualizado, uma vez que o sufixo -aço, citado por ele em ‘mulheraça’, já não exprime pejoratividade, fato observado por Rosa (1982) em sua dissertação. Hoje, ao contrário, mulheraça, segundo o dicionário é “mulher com físico perfeito” e nada há de pejorativo nesse conceito.

Rocha Lima (2006[1972]), no capítulo que trata da gradação, apresenta dois tipos de gradação: a ‘dimensiva’, própria dos substantivos e a ‘intensiva’, própria dos adjetivos. Embora o autor fale do uso de sufixos gradativos em formas adjetivas indicando intensividade, no capítulo que trata do grau dos adjetivos, não há nenhuma referência a esse uso no que diz respeito ao grau aumentativo, cita somente o superlativo. Na parte que trata da Derivação sufixal (pág. 208), afirma: “os sufixos vazios de significado têm por finalidade formar série de palavras da mesma classe gramatical”. Importante se faz observar que, curiosamente, ele faz uma listagem com os principais sufixos da língua portuguesa e não inclui nessa listagem o sufixo diminutivo. Será que o autor não o inclui por achar que o mesmo não é vazio de significado? Somente este fugiria à regra? Obviamente não é isso que encontramos em outras literaturas e nem é essa a idéia defendida aqui. O autor se contradiz, pois, no capítulo sobre gradação, já comentado nesse trabalho, menciona dois tipos de significação do sufixo gradativo (aumentativo e intensivo). Se ele citou esses dois tipos, ora, nesse caso esses afixos apresentam, pelo menos, dois tipos de significação (e logicamente não são vazios de significação como afirmou anteriormente). Em outras palavras, Rocha não esclarece sua visão acerca do uso dos sufixos gradativos. Ele também afirma que o sufixo aumentativo tem uso pejorativo “na maioria das vezes”.

## 2. A ANÁLISE DE ROSA (1982)

Rosa (1982), em sua dissertação de mestrado sobre o grau aumentativo, tem como foco o tratamento dado ao grau nas gramáticas tradicionais, incluindo em seus estudos a visão de Mattoso Câmara. Ela concebe o grau como uma categoria que expressa relação existente entre um significado considerado normal e outro(s) considerado(s) acima, abaixo, ou no mesmo nível numa escala de intensidade (muito...pouco) ou de dimensão (pequeno...grande), incluindo os valores pejorativos e afetivos.

Regina Simões ALVES

Aborda a questão do grau sintético ou analítico: *livrão*, *livro grande*, considerados, segundo ela, sinônimos. Na opinião da autora, “o grau manifesto por meio de um processo fonológico revela necessariamente emotividade, enquanto a expressão analítica é, por natureza, neutra”. Também trabalha com o binômio subjetivo e objetivo. A forma analítica seria objetiva ao passo que a forma sintética seria subjetiva. Faz essa distinção afirmando que na forma analítica não há dois valores comparados. Dessa forma, podemos questionar se o uso de ‘grande’ ou ‘pequeno’ adjetivando o substantivo, não demonstraria dois valores comparados, uma vez que ao dizermos ‘grande’ será que não temos em mente algo que não é grande como (*livrinho*) ou sua forma num tamanho considerado dentro dos padrões de normalidade, *livro*?

Para Rosa, assim como para os gramáticos citados acima, o sufixo aumentativo está fortemente ligado à ideia de pejoratividade. Nas palavras da autora:

“A afetividade do aumentativo é tida como indicadora, em geral, de desprezo e é referida como valor depreciativo ou pejorativo, que pode acompanhar a formação aumentativa devido às relações que se estabelecem entre um item, tomado como expressão de normalidade, e outro(s), considerado(s) além dessa média”.

Devemos ressaltar que, essa visão não encontra respaldo, pelo menos não, hoje, pois quando dizemos: ‘Ela tem um **cabelão!**’, ou, ‘Ela tem um **bundão!**’, os itens tomados além da média de normalidade como afirma a autora, em nossa cultura, nos exemplos acima, é algo positivo.

Rosa (*op.cit.*) apresenta o problema da derivação *versus* flexão no processo de formação de palavras no português brasileiro, considerando ela, como muitos gramáticos, o grau como um processo derivacional, devido “seu uso depende da vontade do falante que pode empregá-lo ou não...”, bem como a possibilidade de representá-lo com duas formas (analítica e sintética) e por apresentarem formas especializadas e evolução semântica. Questões não encontradas no processo flexional, segundo a autora.

Interessa-nos comentar a respeito dos “agentivos aumentativos” no trabalho da autora, pois para ela, não se trata de um caso de aumentativo: os derivados de verbo por meio do sufixo *-ão* não nos parecem, em vista de seu comportamento, um caso de aumentativo. Constituem num tipo de formação que se restringe a indicar o agente habitual da atividade indicada pelo radical verbal e que é usado coloquialmente com valor pejorativo.

Rosa cita autores que classificam esse formativo como um caso de aumentativo, porém ela não compartilha dessa opinião. Defende a ideia de que para essas formações não existem diminutivos correspondentes como em *carrão* – *carrinho*. Não há correspondente diminutivo para *babão* - *\*babinho*. E que a junção de sufixo aumentativo a uma base impede a utilização de um sufixo diminutivo em virtude do valor semântico, como em: *\*calorãozinho*. Acreditamos que se o primeiro sufixo tem valor expressivo de intensidade e *-z(inho)* valor afetivo, essa formação é totalmente possível. Assim como em *babãozinho*. A autora admite *babãozinho* e não admite *calorãozinho*. A primeira vista os valores expressivos são parecidos em ambos os casos, obviamente em *babão* temos um caso de agentividade intensiva, e em *calorãozinho* temos apenas o valor expressivo de intensidade no sufixo *-ão*. Porém nos dois casos os sufixos adjuntos nas palavras (*-ão*, *-zinho*) não exprimem os mesmos valores.

Rosa acredita que o uso de sufixos gradativos não tem como resultado um produto de uma classe diferente da palavra base. Nesse caso, ela não aceita os agentivos como exemplos de formações com esse sufixo. Observamos que somente o diminutivo não mudaria a classe de uma

## A visão do grau aumentativo nas gramáticas tradicionais e na literatura recente

palavra ao passo que o aumentativo, sim, portanto sugerimos que tais sufixos não devam ficar no mesmo ponto da escala dentro do contínuo que vamos propor mais à frente.

A autora fixa a acepção prototípica de tal afixo como dimensional e embora inclua o conceito de intensidade não se atém a ele. O uso deles vem fortemente ligado à ideia de pejoratividade, demonstrando, assim, um forte rechaço ao seu uso.

O trabalho de Rosa (*op.cit.*) contribui com o estudo do sufixo aumentativo proposto aqui, pois servirá de base para as investigações sobre o mesmo em relação ao uso e sua produtividade, atualmente. Ressaltando que a presente pesquisa não abará outros tipos de sufixos aumentativos, apenas o –ão, o qual foi descrito no trabalho da autora como o mais usual, o que se comprova atualmente, e por ser o mesmo o formativo utilizado nas lexicalizações.

### 3. O AUMENTATIVO EM OUTRAS ABORDAGENS

Em sua dissertação intitulada “*A expressão do pejorativo em construções morfológicas*”, Frota (1985) afirma que afixos aumentativos ou diminutivos “apenas acentuam ou minimizam a carga semântica da base, tenha ela valor pejorativo ou não”. Partindo de sua afirmação, podemos inferir que exista uma escala de valores em que situamos as palavras com o objetivo que a mesma traduza o que queremos comunicar. Posicionamos essas palavras dentro de um maior ou menor grau de quantidade intensiva ou dimensiva do significado positivo ou negativo da base. Nesse caso, a pejoratividade não estaria no sufixo como afirmaram os autores citados. Nessa pesquisa, questionamos se há realmente pejoratividade no sufixo ou se a mesma já se encontra na base ou mesmo no produto.

Em Basílio (2006), encontramos um avanço, pois a autora ressalta os aspectos semânticos quer do afixo, quer da base. Porém não encontramos em seu trabalho referências ao uso variado desse afixo. A ênfase recai sobre o uso prototípico que está relacionado à ideia de tamanho, embora o coloque dentro de uma escala de intensidade e excelência. Segundo ela, o aumentativo tem função expressiva (dimensão, excelência ou intensidade) e denotativa (designa um novo objeto, distinto do que é denotado na base e caracterizado como de grande dimensão<sup>2</sup>: calçadão). A este último os gramáticos denominaram aumentativo com formas especializadas ou com mudança semântica, ou ainda, formas lexicalizadas.

Basílio e Rosa compartilham da mesma ideia quando incluem o sufixo aumentativo no processo de derivação sem mudança de classe.

Mattoso Câmara (1970) é categórico em sua afirmação de que o grau (diminutivo, aumentativo e superlativo) não se trata de um processo de flexão na língua portuguesa, e sim de derivação. Nas palavras do autor: “A expressão de grau não é flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si”. Segundo o autor essa confusão decorreu de uma transposição de um aspecto da gramática latina para a nossa gramática. Nas palavras do autor:

Em latim, o morfema gramatical *issimus* pertencia a um complexo flexional ao lado de *-ior*, próprios dos adjetivos num tipo de frase em que se estabelece a comparação entre dois termos, para se afirmar que aquele referente ao adjetivo marcado por tal sufixo é superior ao outro.(...) Em português a situação é outra. Para um adjetivo latino *felix* / *fe'likes* / “feliz”, havia obrigatória e coerentemente as formas *felicier* e *felicissimus*, que se empregavam em condições bem

<sup>2</sup> Nem sempre as formações vão denotar algo de grande dimensão, por exemplo, portão, garrafão.

Regina Simões ALVES

determinadas, e sistematicamente com exclusividade, em lugar de *felix: homo felix* “homem feliz”; *homo felicior lupo* “o homem é mais feliz do que o lobo” ; *homo felicissimus animalium* “o homem é o mais feliz dos animais”. Ora, em português, só temos feliz. Modifica-o em cada caso um mecanismo sintático, fora da morfologia vocabular: ...mais...do que...; ... o mais... dos...

Pela comparação com a gramática latina, Otoniel Motta ao incluir o grau superlativo no processo flexional em português (erroneamente), terminou por incluir também o aumentativo e o diminutivo. Nas palavras dele “O gramático Varrão (116aC \_\_ 26aC) distinguia entre o processo de *derivatio voluntaria* (derivação), que cria novas palavras, e a *derivatio naturalis* (flexão), para indicar modalidades específicas de uma dada palavra”.

Sandmann (1988) afirma que muitas palavras no aumentativo estão relacionadas à atitude emocional do emissor. Aumentativos como bolsão, calçadão, etc., o autor exemplifica como sendo “aumentativos idiomatizados” ou lexicalizados. Discute o assunto mais detalhadamente em seu livro *Morfologia geral* (1997). Para ele, o sufixo de grau se presta, especialmente, ao desempenho das funções expressiva e apelativa centradas no emissor e no receptor e menos da função referencial, centrada no objeto ou referente. Importante se faz observar que o autor admite que o morfema de grau é “raio ou adjunto” característica que compartilha com a flexão. E o mesmo só é colocado ao lado de sufixos “raízes, sol” por ser facultativo. Não é exigido, pois pela sintaxe. Dessa maneira o sufixo de grau é determinante da palavra complexa e não determinado; característica dos sufixos flexionais, porém sua presença ou ausência não está condicionada por fatores sintáticos. Desse modo, o morfema de grau é incluído no processo derivacional.

De modo geral os autores incluem o grau no processo derivacional pelo mesmo motivo: a não obrigatoriedade de uso \_ esse nos parece o fator principal. Em outras palavras, o sufixo para ser flexional deve ser exigido pela sintaxe. Mira Mateus, no capítulo em que aborda os processos de formação de palavras, trata os sufixos de grau de uma forma diferente das vistas até aqui por outros autores. Nas palavras da autora:

Tendo em conta que a descrição da interpretação da semântica das palavras que esses sufixos integram é complexa, não se esgotando na expressão de dimensão (...) e admitindo que, qualquer que seja o efeito da adjunção de um destes afixos, todos eles exprimem um juízo de valor do locutor relativamente ao conteúdo semântico da forma de base, adopta-se, para os identificar, a designação de avaliativos.

A autora inclui nos sufixos modificadores os avaliativos – que é o caso de aumentativos, diminutivos e superlativos. Porém exclui desse grupo os exemplos de aumentativos que outros autores chamam de lexicalizados, idiomatizados ou com significação especializada: caixão, portão, garrafão. Para ela, essas formações apresentam o sufixo –ão derivacional.

Desse modo, temos como resultado três exemplos de sufixação: flexional, derivacional e avaliativa. O sufixo –ão pertence aos dois últimos a depender do resultado do produto. Vale ressaltar que o ‘z’ analisado por muitos autores como sendo um exemplo de consoante de ligação, para ela, ‘z’ é um sufixo, também avaliativo. Em peção, temos a palavra pé, a ela é adicionado o sufixo avaliativo concorrente ‘z’ e depois, acrescenta-se o sufixo avaliativo –ão. Ou seja, o grau não é nem flexional nem derivacional. Tem uma classificação à parte. Observa que o sufixo avaliativo se associa a radicais, ao passo que o sufixo –z avaliativo se associa à palavra. Isso porque a forma de base a que se associam exibe diferentes propriedades:

- (01) caixa – caixona, em que -ona é sufixo avaliativo.
- (02) caixa – caixão, em que –ão é sufixo derivacional.

## A visão do grau aumentativo nas gramáticas tradicionais e na literatura recente

- (03) porta - portona – portão
- (04) garrafa – garrafona – garrafão.

Afirma a autora que somente o sufixo avaliativo pode dispor de sufixo concorrente –z avaliativo: mulherona – mulherzona. Para ela, as formas \*caixãozão, \* portãozão não são possíveis, porém não é o que encontramos no uso no português do Brasil. Ao contrário, por termos um produto que não possui necessariamente uma semântica de aumento, essa associação é totalmente previsível e possível.

Segundo Mira Mateus, sufixos que definem o valor do gênero (base feminina + sufixo –ão = produto masculino) como em perna > ‘pernãõ’ são sufixos derivacionais responsáveis pela formação de hipônimos. Observando as afirmações da autora, chegamos à conclusão de que para ela o aumentativo não exprime apenas dimensão. Quando se trata de valoração, a autora inclui o afixo na classe dos derivacionais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este passeio sobre o estudo do afixo aumentativo nos mostra o quanto é importante um estudo minucioso e atualizado sobre o processo de formação de aumentativos em português.

### REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. (2006). Formação e classe de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto.
- BECHARA, Evanildo. (2001) Moderna Gramática Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BYBEE, Joan (1985). Morphology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- FROTA, Ana Paula. (1985). A expressão do pejorativo em construções morfológicas. Dissertação de Mestrado, PUC Rio de Janeiro.
- GONÇALVES, C. A. V. (2005). Flexão e derivação em português. 1.ed. Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ.
- GONÇALVES, C. A. V. (2007). Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (orgs.). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, p. 145-180.
- GONÇALVES, C. A. V. Iniciação aos estudos morfológicos: Flexão e derivação. São Paulo: Contexto.
- MATEUS, M. H. M. et al. (2003). Gramática da língua portuguesa. 5.ed. ver. aum. Coimbra: Almedina.
- PIZA, M. T. (2001). Gênero, número e grau no continuum Flexão/Derivação em português. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
- ROCHA LIMA, Luiz (1975). Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. Formação de nomes aumentativos: um estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

Regina Simões ALVES

SANDMANN, Antônio José (1988). *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto.

## THE INTERPRETATION OF THE AUGMENTATIVES IN GRAMMARS AND LINGUISTICS

**Abstract:** *This paper describes the interpretation of the morphological gradation both in traditional grammars and the main morphology manuals. The focus of research is the status of augmentative particles, especially -ão.*

**Keywords:** *Morphology; Augmentatives; Degree; Word-formation.*